

A DEFESA E A IMPORTÂNCIA DA OPINIÃO PÚBLICA

Uma das constatações mais evidentes para quem se debruça sobre os problemas da defesa e segurança é a importância da opinião pública como factor condicionador das estratégias militares e determinante da capacidade de reacção perante o inimigo. Consequência da democratização da vida política e da universalização da informação social, de superação das barreiras geográficas e ideológicas, a **homogeneização** da opinião pública introduz um novo dado na análise das relações entre os blocos militares e as superpotências.

Até há não muitos anos, a correspondência entre os sistemas políticos, os blocos militares, e os grandes conceitos colectivos, era, praticamente, total. As pequenas dissonâncias verificadas tinham por isso uma qualificação própria — tratava-se de meros fenómenos de «subversão» como tal enquadráveis numa política de defesa do Estado perante os seus inimigos exteriores.

A situação hoje, porém, é substancialmente diversa; o que é muito significativo entre Varsóvia e Bona já não é uma cortina de ferro mas talvez um circuito de televisão. Um conjunto de problemas comuns avivam a consciência do esgotamento de certas soluções históricas e apontam para a procura de novos caminhos independentemente do local, da língua ou da ideologia em que são expressos:

- a) **No plano económico** são os conceitos do crescimento permanente que estão em crise, é o aparecimento de novos fenómenos, como a inflação, para os quais se não encontrou ainda antídoto eficaz, é o espectro do esgotamento ou da **inacessibilidade** a certas matérias-primas, que abalam os sistemas, a leste e a oeste.
- b) **No plano social** são os problemas do desemprego ou subemprego crescente, da ultrapassagem dos fenómenos da luta de classes por outros sem mais complexos de instabilidade social generalizada, é o aparecimento das novas gerações com uma voz cada vez mais activa e determinante, são as alterações dos padrões de vida. A convulsão de sistemas de valores até aqui intocáveis ou indiscutíveis.

A generalização do acesso à informação ultrapassando as fronteiras políticas e geográficas.

- c) **No plano político** é a instabilidade presente nas relações internacionais, a multiplicação nos centros de poder militar a pôr em causa o equilíbrio assente na balança de poderes das superpotências. A crise do Estado e a crítica das instituições, postas em causa por fenómenos generalizados de contestação violenta, dos quais o mais evidente é o terrorismo internacional. Aos dois hemisférios em que assentou a vida política nos últimos 40 anos, juntam-se agora outros — o Norte, o Sul, os ricos e os pobres. A confrontação entre as ideologias, as zonas de influência, o conhecimento e a universalização dos meios de destruição militar que instauram o dilema entre o desejo de paz e de segurança e a necessidade de defesa.

Estes exemplos afins, suficientemente genéricos, podem caracterizar a situação de perplexidade e angústia do mundo em que vivemos.

O reconhecimento desta nova situação implica também um novo olhar sobre o **papel dos grandes agentes fornecedores de opinião pública** (os grandes meios de comunicação social, os veículos da acção política, os grandes sistemas de transição de conhecimentos e valores — como o sistema educativo).

Encarados, até aqui, mais como instrumentos da informação, eles são de forma crescente os próprios autores que determinam os factores do comportamento do homem, face aos tráficos que lhe são colocados. A esperança do mundo ocidental radica na superioridade ética e cultural das respostas que a sociedade pluralista é capaz de segregar. Na circunstância de assentar em formas de organização cujos pilares são os próprios valores essenciais e permanentes do humanismo.

Saber em que medida é que os grandes meios de comunicação social poderão ser os transmissores das angústias, das interrogações, os centros do debate, os potenciadores de um consenso militar e os suportes da própria identidade cultural do Ocidente, ou pelo contrário se transformarão nos seus mais eficazes destruidores, através de uma nova dialéctica entre a realização e a sua imagem, parece-me ser uma das questões que importa colocar. Sendo certo que essa **identidade**, essa **comunidade** cujas raízes históricas e cujo cimento social estão cada vez mais atolados, é para a sobrevivência do mundo livre e para a construção de uma ordem internacional assente no homem, na liberdade e na justiça, cada vez mais essencial.

Creio por isso que é com felicidade e utilidade que se liga o debate do papel da opinião pública com os problemas da defesa e os da segurança das **grandes cidades**. É que não basta contar os

soldados, tanques ou os mísseis que de cada lado das fronteiras se perfilam. É sobretudo necessário estar atento à nossa própria capacidade de resistir e de lutar pelos valores que fizeram da Europa, e das suas grandes capitais, símbolos históricos da descoberta, da aventura, do progresso e, quando foi necessário, bastiões da solidariedade humana e da liberdade, mas é também urgente encontrar no confronto desses valores com as novas realidades e os novos problemas as **novas soluções** e novos motivos para a mobilização popular que nos permitam assim o futuro com a certeza de que a nossa defesa depende, não apenas da força das nossas armas, mas sobretudo da força das nossas convicções.